

**VIVÊNCIA E ESCRITA LITERÁRIA ENTRE PÓS-
MODERNO E CONTEMPORANEIDADE, TRÊS
AUTORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA,
1919-2004 – SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, I;
1922-2019 – AGUSTINA BESSA-LUÍS;
1923-2019 – STELLA LEONARDOS.**

Beatriz Alcântara

Agustina Bessa-Luís, Stella Leonardos e Sophia de Mello Brayner Andresen, três legítimas escritoras contemporâneas de língua portuguesa que, ao partirem, deixaram um legado insuperável de seu tempo, testemunho e angústia da busca inominada de se procurar enquanto se depara como uma verdade para além de si próprias e de suas potencialidades. Tempos de ânimos exaltados, incertos e desafiadores à índole de um poeta, não fossem elas de natureza instigantes.

Trazemos-lhes três mulheres de opinião formada, três escritoras de atuação constante, todas passageiras do século XX que as entregou à desconhecida sorte de vivenciar descobertas que se revelaram por si só sob olhos alheios, enquanto as revestiam de arte, a vaguear entre o sentir fluido e a rigidez da letra sobre um quase extinto papel vencido pela tecnologia, ainda quase invasora, acreditando-se verdade única, posto que a inteira palavra, mão humana a tecer sobre o papel e, sutil, evadia-se.

Conheci pessoalmente Agustina e Stella e sinto orgulho por ter com elas encontrado oportunidade de aproximar, em outrem, o olhar contemporâneo estendido à centelha que a ARTE desperta em um conhecimento quase inesperado, porque revelador e incômodo de se achar a viver entre terra e mar distanciados, mas que desde logo entendemos não serem opostos.

De Sophia, não tinha eu ainda vida a me ocasionar um encontro em forma de Arte. Porém, em um Colóquio que assistia em São Paulo, anos passados, à mesa de ilustres conhecedores de Literatura, ouvi referência de uma possível injustiça por Sophia Breyner haver sido preterida na atribuição do Prêmio Nobel.

Em silêncio fiquei. Saramago era gigante, em demasia. Dias depois, consultei um primo meu, beirão de longos estudos em Coimbra e Porto, muito erudito. A consulta rendeu. Pelo correio, chegou um exemplar, alentado, da Editora Assírio & Alvim com a “Obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen”. A cada leitura uma revelação. Nunca mais nos separamos, pois que sua súplica à poesia desde logo ecoou em mim: Ó Poesia – quanto te pedi!/ Terra de ninguém, e onde eu vivo/ E não sei quem sou...

Sophia Breyner, por ter sido das três escritoras por nós referidas, aquela nascida ainda na primeira década do século XX, e o centenário de nascimento decorrendo ao longo do ano em curso, sua obra e vida serão por mim mencionadas em primazia.

De origem dinamarquesa, o nome “Andresen”, de imediato nos remete a uma postura de peso cultural distanciada da arte de fazer o belo pelo belo. Os versos de “Inscrição” anunciaram: *Quando eu morrer voltarei para buscar/ Os instantes que não vivi junto ao mar.*

Sentidas palavras nos chegam em reforço aos versos mencionados, com o poema “Inicial” (01).

O mar azul e branco e as luzidias/ Pedras: O arfado espaço/ Onde o que está lavado se relava/ Para o rito do espanto e do começo/ Onde sou a mim mesma devolvida/ Em sal espuma e concha regressada/ À praia inicial da minha vida.

A produção literária de Sophia de Mello Breyner Andresen, de genialidade bastante diversificada, evoluiu entre Poesia, Conto, Teatro, Literatura Infanto/Juvenil, Ensaio e Tradução.

Registre-se a poesia publicada, 21 obras, entre os anos de 1944 e 2001:

1944 – *Poesia, Cadernos de Poesia*

1947 – *O Dia do Mar*

1950 – *Coral*

1954 – *No tempo dividido*

1958 – *Mar novo*

1961 – *O Cristo cigano*

1962 – *Livro Sexto*

1967 – *Geografia*

1970 – *Grades*

1971 – *11 poemas*

1972 – *Dual*

1975 – *Antologia*

1977 – *O nome das coisas*

1983 – *Navegações*

1989 – *Ilhas*

1994 – *Musa*

1994 – *Signo*

1997 – *O Búsio de Cós*

2001 – *Mar*

1999 – *Primeiro livro de Poesia* (Infanto-Juvenil)

2001 – *Orpheu e Eurydice*

Evoquemos sua dimensão poética com o: “Mar” (02)

Mar, metade da minha alma é feita de maresia

Pois é pela mesma inquietação e nostalgia,

Que há no vasto clamor da maré cheia,

*Que nunca nenhum bem me satisfez.
E é porque as tuas ondas desfeitas pela areia
Mais fortes se levantam outra vez,
Que após cada queda caminho para a vida,
Por uma nova ilusão entontecida.*

*E se vou dizendo aos astros o meu mal
É porque também tu revoltado e teatral
Fazes soar a tua dor pelas alturas.
E se antes de tudo odeio e fujo
O que é impuro, profano e sujo,
É só porque as tuas ondas são puras.*

Um grande número de prêmios e honrarias lhe foram atribuídos, entre os mais: HONORIS CAUSA (1998), pela Universidade de Aveiro; Prêmio Camões (1999), Prêmio Poesia Max Jacob (2001) e Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana em 2003.

Dividida entre a Literatura e uma atividade cívica intensa de oposição ao Governo do Estado Novo, Salazarista, a Autora foi candidata pela Oposição Democrática nas Eleições Legislativas de 1969, além de fundadora associada à Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e, após a Revolução dos Cravos – 25 de abril de 1971, veio a ser Deputada à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista – OS

Ecos dessa ação política/partidária encontram-se registrados em sua obra, O LIVRO SEXTO.

Selecionamos dois poemas, “Um Dia” (03)

Um Dia

Um dia, gastos voltaremos
A viver livres como os animais
E mesmo tão cansados floriremos
Irmãos vivos do mar e dos pinhais.

O vento levará os mil cansaços
Dos gestos agitados irreais
E há-de voltar aos nossos membros lassos
A leve rapidez dos animais.

Só então poderemos caminhar
Através do mistério que se embala
No verde dos pinhais na voz do mar
E em nós germinará a sua fala.

e o sempre referendado, expressivo e curto poema, “25 de Abril” (04)

25 DE ABRIL

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo.

Atento ao transbordamento e à quase humanização da “coisa”, o leitor vai aos poucos se apercebendo de que a poesia de Sophia é via de regra isenta do habitual biografismo da escrita confessional, e deque de algum modo por tão próxima prende-se a uma tendência pictórica quase simultânea a um espaço inverso, com interioridade cúmplice.

Os versos de “O Poema” (05) apontam este aspecto.

O poema me levará no tempo

Quando eu já não for eu

E passarei sozinha

Entre as mãos de quem lê.

O poema alguém o dirá às searas e

Sua passagem se confundirá

Com o rumor do mar e o passar do vento.

O poema habitará o espaço mais concreto e mais atento.

No ar claro nas tardes transparentes suas sílabas redondas

Ó antigas ó longas eternas tardes lidas

Mesmo que eu morra o poema encontrará

Uma praia onde quebrar as suas ondas.

E entre quatro paredes densas

De funda e devorada solidão

Alguém seu próprio se confundirá

Com o poema no tempo.

Recentemente, ainda menos de cinco meses passados, a cantora Maria Bethânia, nos presenteou, em palco, uma magistral interpretação dos sentidos, quase ternos, versos de “Poema Azul” (06).

O mar beijando a areia
O céu e a lua cheia
Que cai no mar que abraça a areia
Que mostra o céu
E a lua cheia
Que prateia os cabelos do meu bem
Que olha o mar beijando a areia
E uma estrelinha solta no céu
Que cai no mar
Que abraça a areia
Que mostra o céu e a lua cheia
Um beijo meu.

Concluimos essa tão breve apresentação da inteira obra literária de Sophia de Mello Breyner Andresen, com um pensamento a nos ocorrer de um tempo de ontem a nos permitir abrir a esmo um de seus livros e a página sorteada nos conduzir a palavras que nos parecem permanecer ao ouvido, no entanto, o ouvido só a um debruçar mais acurado, assevera que cada poema seu é um corpo inteiro, dinâmico e por trás de uma aparente simplicidade, mil superposições são reveladas pela Autora com altivez, ternura e inteira coragem de pensar e agir por si mesma.